

ALBERTO MUSSA

Elegbara

[NARRATIVAS]

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2005

O enforcado

Os Campos dos Goitacazes eram já famosos por seus desmandos desde os idos de 1627, quando Martim de Sá os concedeu em sesmaria. E não era só o conflito pelo direito às terras, o comércio clandestino, as razias dos índios e as fugas de escravos. Campos vergava sob o peso da maldade de um homem, certamente o mais cruel que tem pisado a antiga capitania de São Tomé.

Na boca das pessoas era apenas “o bugre”, porque só falava a língua geral da costa; e diziam-no emigrado das matas de São Vicente. Chegara à região para prestar serviços de capitão-do-mato, talvez com uma patente falsa, e por lá se arranchou em definitivo, num sitiozinho bem modesto na barra do Paraíba, perto da aldeia de Peroípe. Primeiro ganhou a confiança dos principais da terra; depois, o respeito das famílias; e, por fim, o terror das gentes.

As histórias que se contam são de assombrar. Nunca deixara de capturar sequer um escravo fugido, menos por bem conhecer aquelas brenhas que por uma espécie de determinação interior de fundo existencial.

Mas não se satisfazia com o resgate dos pretos: costumava castigá-los violentamente, e por conta própria, o que muitas vezes os levava à morte. Vazava olhos,

vergastava com um açoite farpado, escaldava com água fervente.

Certa feita chegou a empatar quase a totalidade de suas economias na compra de um escravo, para em seguida alforriá-lo e só então submetê-lo a suplícios diversos. Houve como que uma indignação pacífica da população local, mas o crime acabou ficando impune. Até porque era o próprio bugre quem prendia malfeiteiros, quem fazia de carrasco na cena da forca, quem defendia fazendas da fúria goitacaz. Enfim, era a própria ordem.

Impressionava em seu caráter o fato de não demonstrar ódio pelas vítimas, a naturalidade com que praticava os atos mais ignominiosos, aquela singular combinação de perfídia e serenidade.

Mas essa carreira de torpezas teve fim nesse nosso ano de 1641, quando começa esta narrativa.

Fazia uns seis meses que uma cozinheira, cativa de um dos sesmeiros, tinha-se evadido mato adentro. A expectativa era a de uma rápida recaptura, até porque se tratava de mulher gorda e de certa idade. Mas a expectativa não virou fato: o bugre não a encontrara.

Não se sabe por que espécie de intuição, mas começaram a surgir especulações sobre a cumplicidade do capitão-do-mato na fuga da cozinheira.

As primeiras suspeitas foram levantadas durante uma daquelas vigílias regulares que o bugre montava nas propriedades da região: justamente o curral de gado em que ele se achava foi assaltado à noite por três goitacazes. O feitor e alguns colonos é que tomaram a iniciativa da defesa, conseguindo aprisionar um índio. E, quando o bugre foi chamado a aplicar no selvagem a punição exemplar, notaram-lhe um comportamento displicente, como que a propiciar o escape do invasor.

Também chamou atenção seu repentina interesse pelas sobras dos porcos trinchados, especialmente rabos, pés e orelhas, que se davam vez por outra como ração à escravaria. Fazia questão de recolhê-las e salgá-las — hábito estranho e contrário ao seu gosto pelos bons regalos.

O cúmulo da desconfiança, todavia, chegou junto com um boato vindo do Rio de Janeiro. Falava-se muito no empenho do alcaide-mor em descobrir uma canilha de raptadores de índios e africanos, que os estariam vendendo como escravos em engenhos de açúcar. Ninguém julga senão a si mesmo: logo grassou a notícia de que o bugre integrava o bando.

A convicção chegou a tal ponto que os moradores de Peroípe se encheram de coragem e armas e decidiram arrestá-lo. Foi quando surpreenderam, acoitada no próprio sítio do capitão-do-mato, a escrava fugida, sem ferros, dando milho às galinhas. No instante subsequente havia quatro homens sobre a cozinheira; mas,

antes que os demais alcançassem a casa propriamente dita, o bugre surgiu de sob a rama, viu a cativa já dominada e disparou o arcabuz, atingindo o sobrinho de um dos sesmeiros. Foi a gota d'água.

Para que se compreenda a aparente insensatez do capitão-do-mato, é necessário retroceder à época da fuga da cozinheira.

Com efeito, cinco dias de busca tinham sido bastante para que o bugre topasse a cativa, lá pelas bandas da lagoa Feia. Ela estava completamente depauperada, sedenta, faminta, lanhada pelo mato e pelas pedras. Já não tinha ânimo e talvez não sobrevivesse muito tempo.

O bugre apenas concedeu que bebesse; e, como de costume, amarrou-a ao cavalo e fez que o acompanhasse, a pé.

Só que a noite e a chuva praticamente impediram a viagem, e o capitão-do-mato resolveu pousar no casebre do primeiro roceiro que encontrou.

Os donos da casa o receberam muito bem, como fariam a qualquer autoridade, apesar de não lhe compreenderem a língua. E mataram um porco para o repasto.

Enquanto bebia sua cachaça, o bugre considerava a cativa, sem emoção. Sentia-se justo com tudo aquilo: ela devia saber que o mundo era daquele jeito, que a

vida tinha aquela forma. Decidira como teria início o castigo. Por isso permitiu que fosse auxiliar a dona da casa no preparo da comida; e não chegou a se aborrecer quando viu que a senhora, em sua cômoda piedade, lhe tinha dado um tanto de feijão e farinha; e nem mesmo se irritou quando a prisioneira começou a cozer os pés, as orelhas e o rabo do porco (que ainda pôde retirar do lixo) para misturá-los no feijão.

Bebia e considerava. Até que, quando a escrava amassou o primeiro bocado daquela mistura que lhe parecia repugnante, o bugre estalou o chicote, levantou-se bruscamente e tomou a cuia de suas mãos. E diante dela, que estacara como um espectro da fome, superou o asco que aquelas sobras do animal lhe provocavam e pôs-se a comer do conteúdo da cuia.

E foi a sua perdição e o princípio do amor que o iria consumir. Porque o súbito prazer que aqueles sobejos lhe proporcionaram abalou definitivamente o que parecia destinado à firmeza, penetrou no que devia ser inexpugnável e fê-lo inverter de maneira cabal sua concepção do mundo.

No dia seguinte, o casebre ardia em chamas e o capitão-do-mato partia com a cozinheira fugida, só que ambos a cavalo.

No curto período que ainda teria de vida, o bugre amou aquela escrava de uma forma imensa. Sobretudo as mãos, aquelas singelas mãos pretas que operaram a transmutação do dejeto em delícia.

Mas, quanto mais amava, mais pressentia o próprio fim. Perdera a perfídia e com ela a serenidade. Percebera que, para transcender aquela humanidade inerte e comiserada, a sua solução não era a única. Aliás, não era solução.

E no amor da escrava se foi degenerando; até que os colonos chegassem dos confins de Peroípe àquele sítiozinho da barra, onde o rio finda e o mar começa.

Homiziariam escravos fugidos, em Campos dos Goitacazes, dava pena de morte, que se executava lá mesmo, sem processo. Idêntico era o castigo para o assassinato de homens livres. Não pôde haver, assim, qualquer tentativa de condescendência.

O capelão de uma pequena ermida ribeirinha, entendido na Arte de Anchieta, foi convocado para dar o aparato indispensável à execução. Quando perguntou ao bugre se se arrepedia de seus vis pecados, este respondeu:

— Não; eu nunca pequei. Eu era o mundo em sua coerência.

E quando, perturbado, o capelão inquiriu sobre o motivo fútil que o levara àquele fim, obteve a resposta:

— Eu amo essa mulher; e não há força humana contra sua obra.

E assim o condenado pendeu da forca, erguida no mesmo local do crime.

Mas, ainda depois de morto, o bugre continuou apavorando. Contam que nenhum urubu ousou pilhar do cadáver putrescente do enforcado; contam que nem um vento mau que soprou por uns três dias pôde balançar aquele símbolo de solidez; e ainda contam que — quando enfim tiveram a coragem de atirá-lo ao Paraíba — o mar tomou de imediato a cor barrenta do rio.

É que talvez o mundo já se tivesse modificado. E talvez viesse a ser aquele o futuro matiz de todo o mar Oceano.